

6

Considerações finais

Ao longo deste trabalho, intentei situar o livro didático como produto de um processo de construção coletiva, da qual participam mais explicitamente as vontades e intenções dos diversos agentes participantes de sua produção editorial e, mais implicitamente (o que não significa com menos influência), os aspectos e as diretrizes conferidos pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), que consiste em uma política com objetivos precisos. Esta perspectiva adveio de uma das hipóteses delineadas no início deste estudo: a de que a construção do livro didático é permeada por diversos interesses, os quais geralmente podem ser direcionados para duas vertentes, em princípio antagônicas: a educacional e a mercadológica – as quais foram exploradas por meio de revisão bibliográfica e trabalhadas no segundo capítulo.

O objetivo da pesquisa residia na tentativa de reconhecer o papel do designer na cadeia produtiva do livro didático, por meio da detecção de suas atribuições e limites de atuação, em face da suposição da existência dessas influências diversas no processo. Afinal, pressupunha-se que o designer teria papel de relevo na cadeia produtiva, e que seu papel poderia inclusive adquirir uma perspectiva social nesse processo.

Para tanto, fui ao encontro de algumas obras e teorias de Chartier, autor que confere ao processo produtivo do livro – no qual os diferentes atores envolvidos com a publicação dão sentido aos textos que constroem e transmitem – grande importância para o estudo da edição de livros. Apoiei-me principalmente na concepção de Chartier sobre o livro segundo a qual os modos de leitura são processos determinados não apenas pelo conteúdo textual, mas também em função de seu suporte, sua estrutura e sua configuração gráfica. O autor atribui uma série de variáveis à mediação das possíveis leituras de um mesmo texto. A partir dessa conjectura, vimos que o designer, portanto, é um dos agentes mediadores da leitura, dado que lida com algumas dessas variáveis que alteram a forma com que um texto é lido – o que vai de encontro à ideia proposta por outros autores, como Hendel, que sugerem um caráter de invisibilidade do design com relação às práticas de leitura.

A maneira considerada adequada para dar seguimento à pesquisa foi a realização de um estudo de caso, a partir do qual se tornaria possível fazer um cruzamento de suas descobertas com as concepções dos autores estudados e as hipóteses traçadas. A etapa do estudo de caso, que foi calcado em entrevistas com profissionais de duas editoras muito atuantes no segmento de livros didáticos, tencionava a compreensão de como se dá a produção editorial nestas empresas, com a consequente ponderação sobre os diversos aspectos que influem na construção do projeto gráfico de livro didático contemporâneo de Ensino Fundamental.

Em face desse intuito, foram realizadas entrevistas com escopo de pesquisa exploratória com os agentes que lidam mais diretamente com os aspectos que interessavam ao estudo da produção editorial dessas obras: o editor e o editor de arte. O resultado transpôs as expectativas iniciais, uma vez que fui surpreendida pela sinceridade dos entrevistados, que tocaram em temas delicados e passíveis de gerar polêmica, e que também foram capazes de admitir falhas no processo de produção editorial, principalmente em decorrência do modo de funcionamento do PNLD. Afinal, tal como formulado em hipótese no terceiro capítulo, o Programa se confirmou como um dos aspectos mais influentes na configuração do livro didático, pois todas as obras, mesmo aquelas direcionadas para o mercado das escolas privadas, certamente foram produzidas seguindo suas normas e objetivos. Afinal, prioriza-se a produção e a venda de livros para o Governo Federal, o maior cliente das editoras de didáticos.

A partir do estudo de caso, também foi desvelado um aspecto paradoxal resultante do PNLD: apesar de ser uma política que visa ao aprimoramento do livro didático do ponto de vista educacional, acaba por suscitar nas empresas editoriais interesses pecuniários. Destarte, foi possível detectar que, ainda que seja possível criar uma ferramenta de ensino e aprendizagem que congregue esses dois interesses maiores, de quando em quando um traspassa o outro, resultando na sobrepujança de um deles. Infelizmente, não causa tanta surpresa o fato de o aspecto mercadológico sobrelevar ao educacional mais amiúde.

No entanto, cabe acrescentar que este trabalho não se restringiu, como já previsto inicialmente, a examinar as atribuições e contribuições do designer na produção editorial do livro didático. Este exame contribuiu como ponto de partida para um debate acerca do potencial do designer no exercício de seu papel, além de

ter elucidado algumas das limitações que se impõem ao designer e que por vezes o impedem de exercer suas funções de acordo com esse potencial, passando ao largo da responsabilidade que alguns estudiosos do campo de design lhe atribuem.

Considero que essa pesquisa tem relevância na medida em que pretende contribuir para o desenvolvimento de um processo essencial à educação de alunos do ensino fundamental, dado que o livro didático ainda é uma ferramenta bastante utilizada na educação brasileira e, geralmente, fundamenta e delinea as práticas de ensino em sala de aula. No que concerne ao ensino público, sua responsabilidade aumenta, pois que o livro didático muitas vezes é o único com o qual os estudantes têm contato.

Acredito que, não à toa, ao final do encontro com uma das entrevistadas, quando fui agradecer sua participação, ela tenha me dito que ela é quem deveria me agradecer pela oportunidade de conversar sobre os aspectos enfocados na pesquisa e se mostrado surpresa, de uma maneira positiva, que alguém se ocupasse dessas questões, que lhe eram tão caras. Tal ato me deu a esperança de que essas questões não ficarão restritas à minha dissertação de mestrado ou a alguma outra pesquisa minha futura, o que me deixou com a certeza de ter escolhido o caminho certo ao longo de meu percurso de pesquisa. Certo no sentido de responder a (parte de) minhas inquietações e também no da intenção de suscitar, em outros profissionais e pesquisadores do tema, um corpo de interrogações a serem feitas, que não se encerram aqui, de maneira alguma. Parece-me que elas estão aí, nas mentes daqueles realmente envolvidos e (por que não dizer?) apaixonados pelo livro e seu poder, ainda hoje, de produção de sentidos, transmissão de conhecimentos e encantamento.